

CONSOLADOR

Comunidade Espírita Cristã

Ano 12 • nº 46 • Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2017

Distribuição gratuita

Editorial

2017... terminando, ...2018 chegando e aquela sensação batendo forte em nós de que, mais uma vez, não vimos o ano passar!

Momento de reflexão! Tempo de “feçarmos para balanço”, nos questionando como foi nossa caminhada durante esses 365 dias. Ouvimos palestras, lemos artigos, livros, revistas espíritas, recebemos orientações, ensinamentos, sinalizações em relação a nossos sentimentos, pensamentos, palavras, ações! O que fizemos de tudo isto? Achamos bonitos, verdadeiros, iluminados e os engavetamos em nossa memória, OU, nos esforçamos por colocá-los em prática? Procuramos fazer uma autoanálise no decorrer do ano, OU, deixamos para depois? Tentamos reconhecer que, quando e onde falhamos, OU, simplesmente não praticamos quase nada de que nos foi ensinado?

Sabemos ser uma tarefa difícil olharmos para dentro de nós mesmos, e nos perguntamos o que diríamos se vissemos alguém falar, agir como nós? Entretanto, é esse esforço que conta para Deus, cheio de amor e esperança em relação a cada um de nós, Seus filhos. Ele acredita que, se



quisermos, conseguiremos nos modificar, tornar nossa reforma íntima uma realidade. Por que não acreditamos também? Por que duvidamos de que somos capazes de realizar esta mudança?

Não deixemos para o próximo ano o que ainda temos tempo para fazer neste: acreditar que só depende de nós, de nossa vontade firme, alcançar este objetivo E trabalhar dia após dia, minuto a minuto a confiança primeiramente em NOSSO PAI, naqueles que O representam e, por fim, em nós mesmos para nos tornarmos seres humanos mais equilibrados, fraternos, compreensivos, amorosos, deste modo, vivendo e exemplificando verdadeira e sinceramente esta doutrina de LUZ, PAZ, AMOR. Ao trabalho então!!!

Feliz Natal!

Feliz 2018!

NATAL E CONSUMISMO

Neste momento em que comemoramos o nascimento de Jesus, Mestre e guia da humanidade por excelência, façamos algumas reflexões a respeito do consumismo que abafa e esconde todo o significado desta data.

Como nos comportar com base nos ensinamentos do aniversariante? Como homenagear o Cristo que exemplificou com o “Amai o próximo como a si mesmo”?

Nós, que temos algum recurso, ao direcionarmos o olhar ao nosso redor, na época do Natal, constatamos que existem irmãos que realmente necessitam não apenas de presentes. Como nos comportar com base nos ensinamentos do aniversariante? Como homenagear o Cristo que exemplificou com o “Amai o próximo como a si mesmo”? São pessoas que trabalham em nossas casas, órfãos e idosos em abrigos, projetos sociais paralisados por falta de verbas, moradores de rua... e tantos outros que estão à nossa volta.

Essa ajuda que pretendemos dar poderá, muitas vezes, fazer a diferença para vidas que estão próximas a nós, mas que, muitas vezes passam invisíveis porque

estamos centrados em nossas posses egoísticas: “nossa vida”, “nossa família”, “nossos filhos”...

Não temos a intenção de condenar a troca de presentes que caracteriza

esta época, mas refletir o quanto somos envolvidos nesta trama do mundo da propaganda, que planta em nós as sementes de “necessidades” que na realidade não temos: a TV de última geração, o celular mais atual, um sapato na cor da moda, mais uma saia, mais um casaco, mais, sempre mais...

É o consumismo insuflado pela mídia. Paramos para olhar as ruas e lojas nestes dias... Correria, endividamento, gastos além da nossa capacidade, voltados que estamos na manutenção das aparências...

Contudo, alguns podem dizer: é uma tradição, todos esperam presentes!!

Mas, por que – quebrando a tradição – não ficar mais foca-

AINDA NESTA EDIÇÃO

MATERIALISTA DESAVISADO	página 2
SOLIDARIEDADE AOS MAIS POBRES	página 3
CANTO DA POESIA	página 4
MÉDIUNS NOTÁVEIS - IRMÃOS DAVENPORT	página 4

dos no outro, e não em nós mesmos e em nossos amados? Por que não aproveitar essa magia do Natal para fazermos a diferença na vida dos outros? É uma grande chance de exemplificar para nossos filhos e familiares, o verdadeiro Espírito de Natal.

Não seria este o melhor presente para Jesus?

Agindo assim, estaremos deixando espaço para Jesus entrar em nossos lares e derramar a água da vida, aquela que realmente vai tirar o vazio que está dentro de nós e que teimosamente insistimos em preencher com coisas materiais.

Se estivermos atentos, vamos perceber que a alegria resultante da doação aos que necessitam não será passageira. Como consequência, as ansiedades, as depressões e o tédio da vida acabarão por desaparecer, esfumando-se no tempo.

Meditemos, então: quando Deus nos agraciou com a razão, foi com o objetivo de evoluirmos através de nossas escolhas. O que vamos escolher: o Espiritual ou o Material?

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap XVI: “Não se pode servir a Deus e a Mamom” encontramos suporte para estas questões. Mamom era tido como o Deus do dinheiro e da riqueza, dentro da concepção politeísta de que para tudo havia um deus, ainda em voga no seio daquele povo.

Quando Jesus ensina que ‘não se pode servir a Deus e a Mamom’, está mostrando que o homem não deve se apegar, ao mesmo tempo, aos bens materiais e atender à Lei de Deus. Essas são duas coisas incompatíveis. Isso não significa, contudo, que não podemos usufruir dos bens materiais. O que vai caracterizar o mal ou o bem é o destino que a ele daremos e a maneira de adquiri-los.

Então, qual o melhor uso a ser dado à riqueza? Usá-la sem apego, tratando-a como se fosse algo abençoado passando pelas nossas mãos.

Assim, neste Natal, vamos privilegiar o Espiritual, dando importância ao que tem significado real em nossas vidas.

Lembre-mo-nos ainda, evocando o Espírito de Natal, estes conceitos deixados pelo incomparável Mestre:

“Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim.”

Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.”

“Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vô-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração...”

(João 14: 1 a 27).

Então, vamos realmente homenagear Jesus neste Natal?

Sonia Silveira

MATERIALISTA DESAVISADO

-Não gosto de espíritas, disse o jovem ao senhor que viajava a seu lado.

- Eles são gente boa. Por que os desconsidera, rapaz?

- Eles são inimigos dos materialistas, e eu sou um dos que não crê em nada.

- Vamos raciocinar, se você me permite. Pelo que eu saiba, eles são contrários ao materialismo, não aos indivíduos materialistas.

- Não é a mesma coisa? O senhor não é espírita, é? E olha-o desconfiado.

- Não, mas tenho conhecimento para esclarecê-lo sobre o seu equívoco. Você gostaria?

O rapaz não esconde seu preconceito:

- Ainda bem que não é espírita. Pode explicar-me, então.

- Desde que surgiu, o espiritismo procura demonstrar a imortalidade do ser, portanto, é contra o materialismo. E como os espíritas são cristãos, o próximo que não pensa como eles não é seu inimigo, apenas difere de opinião. Entendeu?

- Mais ou menos. Os cristãos não são só os católicos?

- Não. Cristão é toda criatura que segue os ensinamentos de Jesus. Além dos católicos, estão os ortodoxos, os protestantes, evangélicos... e espíritas. E todos eles crêem em Deus e na imortalidade da alma, portanto são contrários ao materialismo. E aí você poderá dizer que são também seus inimigos. Está vendo que seu equívoco aumentou... Contudo, você não tem tantos inimigos assim. Vou lhe dar um exemplo, começando por perguntar: o doente que procura o médico vê nele um inimigo?

- É claro que não.

- Então, rapaz, diz o senhor calmamente: o médico e a medicina são inimigos da doença e não dos doentes, assim como os espíritas que têm o materialismo como adversário que precisa ser tratado, não com agressões, mas com argumentações, provas e exemplos. Talvez você não saiba: os indivíduos religiosos desenvolvem maior equilíbrio interior por vivenciar a religiosidade que existe, não só neles, mas em todos nós. E você, alimentando animosidade contra os que procuram vivenciá-la em suas diferentes formas de crer, sufoca a fé que existe em latência dentro de sua consciência. Todo jovem, creio eu, tem desejo de ser feliz; mas, para encontrar a felicidade é preciso deixar de ser amargo e amolecer o coração para que a alegria penetre nele, ainda mais nesta fase, a melhor da existência que Deus lhe deu.

- O senhor deve ser espírita e quer me converter, diz o rapaz resabiado, porém, um tanto emocionado com suas últimas palavras.

- Não, meu jovem, por enquanto eu sou apenas cristão, mas, sinceramente, devo-lhe confessar: ultimamente tenho me interessado bastante pelo espiritismo. Se você busca a paz na convivência com o próximo, esqueça este e outros preconceitos que estão por aí, sendo insuflados na cabeça dos moços, eles não o levarão a lugar nenhum.

O rapaz fica pensativo e por fim, conclui:

- Eu acho uma ‘boa’ mesmo. E também vejo que se o senhor se tornar espírita, não será uma pessoa antipática no meu conceito.

Assim termina o diálogo daqueles dois passageiros já diante da estação Novo Rio. Ao se despedirem o jovem mostrava-se tocado pela carinhosa atenção que o ‘coroa’ lhe dera ao esclarecer seus imaturos argumentos.

Gerson Sestini

SOLIDARIEDADE AOS MAIS POBRES

Quando éramos jovens, participamos algumas vezes da Campanha da Fraternidade Auta de Souza, promovida pelo Serviço de Assistência Social da FEESP, Federação Espírita do Estado de São Paulo, departamento, na época, sob a direção do iluminado José Gonçalves Pereira. Em bairros de classe média, os grupos se dividiam em unidades constituídas por duas pessoas designadas a determinado número de casas. O trabalho era feito em dois domingos: no primeiro distribuía-se uma mensagem e um panfleto no qual era solicitado a doação de alimentos e roupas usadas para as famílias assistidas; no segundo recolhiam-se os doativos que eram ajuntados em pontos de coleta. Pela nossa imaturidade, não fomos assíduos neste trabalho, porém, ao lado dos mantimentos e roupas que recolhíamos chegavam ensinamentos que marcaram nossa vida. Entre eles, a constatação da dureza de coração dos mais ricos frente a solidariedade e o acolhimento das pessoas com pouca ou quase nenhuma posse material. Certa família, acabando de chegar da feira, doou a metade do que havia comprado para a semana e ainda nos convidou para o cafezinho que a mulher acabava de coar. Morando numa meia-água, nos fundos de uma bonita casa, disseram-nos que era o seu dono quem a alugava a eles. Ao nos dirigirmos em seguida à mencionada casa, a empregada, orientada pelos patrões que nos haviam visto, disse-nos que eles estavam descansando e não poderia incomodá-los, que voltássemos no próximo domingo. Colocada a par

de nossa estada ali na semana anterior, compadecida, pediu licença e voltou com um quilo de açúcar, provavelmente retirado do estoque da casa, arriscando-se a levar uma bronca da patroa.

Diante da maioria das casas de pessoas abastadas, batíamos em vão. Vez por outra, senhoras amistositas e pródigas lembravam-se dos desafortunados, dando mostras de que superavam as tentações da riqueza. Em outras ocasiões, contudo, fomos humilhados e repelidos. Lembro-me de um senhor que, aparentando bom acolhimento, convidou-nos a entrar, eu e minha companheira, uma balzaquiana coquete – feliz com o convite feito – para nos dizer, dentro de sua sala, os maiores impropérios, chamando-nos de charlatães e hipócritas, e rechaçar-nos em seguida. Saímos dali engolindo seco, e minha companheira, em lágrimas. Nunca havíamos recebido tamanha agressão verbal em nossa vida... No retorno, comentávamos com ‘seu’ José Gonçalves o tratamento injusto que recebêramos e ele confortou-nos, lembrando as humilhações que Chico Xavier, seu amigo de todas as horas passara, acrescentando ainda, ‘é as que teria que passar’, por ser o discípulo de Cristo que era, que nos espelhássemos nele... Auta de Souza nos recompensaria com sua proteção. Suas palavras, ditas com acendrado amor pacífico nosso corações e consolou-nos.

Aquelas experiências, ao lado de outras que a vida nos levou a vivenciar, foram insubstituíveis ao nosso amadurecimento. Se ficássemos só na teoria, sem participar de campanhas assistenciais e traba-

lhos congêneres, não valorizaríamos pessoas como José Gonçalves que dedicou grande parte de sua vida a elas.

Anos mais tarde, já morando no Rio, voltamos algumas vezes àquela campanha, ao lado de nosso amigo Clayton Gonzaga, que se engajara junto a confrades daquela federação. Foram outras experiências em nível de certa maturidade já alcançada. Num domingo, próximo do dia da comemoração dos mortos, uma família, ao ter em mãos, junto das solicitações, uma daquelas consoladoras mensagens recebidas por Chico, afirmando que os mortos vivem em outra dimensão, provocou intensa comoção em alguns de seus membros que, chorando em nossos ombros, afirmavam-nos que fôramos enviados por Deus e que procurariam o Espiritismo. Constrangidos, não nos sentíamos à altura espiritual condizente a produzirmos tal despertar, por certo fôramos instrumento da Espiritualidade Mais Alta; Clayton era bom médium. Os mais pobres de espírito ali, por certo, éramos os dois... Entretanto, o desprezo e a desconsideração ainda continuavam à porta de algumas residências, mas que já eram recebidos com tranquilidade.

A ingratidão dos chamados ‘novos ricos’, por desprezar companheiros que os ajudaram na corrida para se enriquecerem, costuma irritar muita gente. É comum ouvir-se injúrias e acusações contra eles. Os favorecidos, inchados pelo orgulho, costumam se defender dizendo-se vítimas da inveja dos ex-amigos. A vivência com a humanidade, contudo, nos mostra que se a situação fosse invertida, os fatos poderiam se repetir da mesma forma; aquele que hoje critica a ingratidão estaria no lugar daquele que se sente atingido pela inveja, pois a transformação moral é muito lenta nas criaturas. Somente aos poucos, aquele que se propõe a ajudar o próximo com sinceridade, vai se libertando dos defeitos que carrega consigo, principalmente quando se coloca no lugar de quem solicita em favor do outro. Não existe fórmula melhor que esta para alcançarmos a humildade de que tanto necessitamos. Chico afirmava que a solidariedade dos mais pobres havia marcado profundamente seu espírito. Seu pai, que vendia bilhetes de loteria, passava muitos dias sem vender uma tira sequer... Os vizinhos, tão pobres quanto eles, eram os que os socorriam.

Gerson Sestini

Expediente

CONSOLADOR
Comunidade Espírita Cristã

Publicação do Consolador - Comunidade Espírita Cristã
Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana
www.consolador.org

Presidente: José Corni
Vice-Presidentes: Sandra Aurora A. dos Santos, Anuska de Carvalho L. Moreira
Diretor Doutrinário: Gerson Sestini
Jornalista Responsável: Vivian Rodrigues
Designer Gráfico: Gilbert Esmério Corni
Cartas para este jornal: Aos cuidados do Consolador Rua Cinco de Julho, 276 - Copacabana - 22051-030 - Rio de Janeiro - RJ
e-mail: jornal@consolador.org

CANTO DA POESIA

POETA DESCONHECIDO NOS MEIOS LITERÁRIOS É IDENTIFICADO

Francisco Cândido Xavier recebeu mecanicamente e em grandes letras, tendo como testemunha Ismael Gomes Braga, dois belos sonetos assinados pelo espírito Edmundo Xavier de Barros. Inquirido sobre sua identidade, este espírito apenas afirmou que pertencera ao Exército Brasileiro. Por intermédio de um oficial, pois em nenhuma enciclopédia seu nome fora encontrado, verificou-se que fora capitão da Arma de Cavalaria, nascera em Goiás em 1861 e desencarnara em 1905, no Rio de Janeiro. Mais uma prova da mediunidade incontestada de Chico Xavier. Vamos transcrever apenas o primeiro soneto que tem como título Vida.

VIDA

Nem a paz, nem o fim! A vida, a vida apenas
É tudo que encontrei e é tudo que me espera!
O ouro, a fama, o prazer e as ilusões terrenas
São lodo, fumo e cinza ao fundo da cratera.

Esvaiu-se a vaidade! Os júbilos e as penas,
A alegria que exalta e a dor que regenera,
Em cenário diverso aprimorando as cenas,
Continuam, porém, vibrando noutra esfera.

Morte, desvenda à Terra os planos que descobres,
Fala de tua luz aos mais vis e aos mais nobres,
Renova o coração do mundo impenitente!

Dize aos homens sem Deus, nos círculos escuros,
Que além do gelo atroz que te reveste os muros,
Há vida... sempre a vida... a vida eternamente...

*Do livro: Poetas Redivivos - Autores Diversos -
Francisco C. Xavier - FEB - 1ª Ed. 1969*

MÉDIUNS NOTÁVEIS IRMÃOS DAVENPORT

Ora Davenport e seu irmão William Henry, descendentes de ingleses, nasceram em Buffalo, estado de Nova York e foram contemporâneos das irmãs Fox, meninas que viviam em Hydesville, a 450 quilômetros dali. Em 1846, contando os meninos 7 e 5 anos de idade, respectivamente, manifestou-se a faculdade mediúnica em

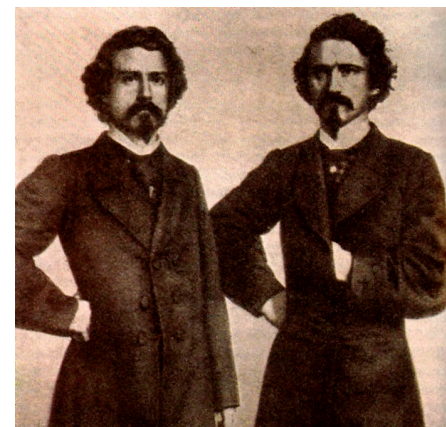
ambos, cujos fenômenos eram caracterizados por batidas, ruídos e estalos que chamaram a atenção dos curiosos e investigadores da época, portanto 2 anos antes daqueles que ocorreram em Hydesville. Com o passar dos anos Ira apresentou a escrita automática (psicografia), distribuindo entre os presentes nas reuniões mensagens que eram es-

critas com extraordinária rapidez, e que continham informações que ele desconhecia. Esta faculdade não foi devidamente valorizada porque, a ela, logo se seguiram os fenômenos de levitação. Ira era suspenso no ar, por cima da cabeça das pessoas. Depois, o irmão e a irmã mais moça, Elizabeth, foram igualmente influenciados e os três flutuavam no alto da sala, atraindo sempre mais os curiosos. Dois irmãos menores também apresentaram faculdades mediúnicas.

Certo dia os talheres começaram a dançar sobre a mesa de refeições, e esta foi erguida no ar. Diante de tantos fenômenos, começaram a organizar sessões; numa delas um lápis escreveu sem qualquer contato humano. A escrita direta, assim como a voz direta, surgiu logo após, ambas as faculdades de efeitos intelectuais, permitindo comunicação dos espíritos com os encarnados, não tiveram interesse maior, pois este era voltado aos efeitos físicos. Dada a preferência, novas faculdades continuaram a surgir: luzes e instrumentos musicais 'boiavam' no ar, tocados por mãos invisíveis, acima da cabeça dos circunstantes. Atendendo ao pedido das inteligências comunicantes, os irmãos começaram a se apresentar em lugares públicos, entre eles, clubes e teatros.

Os irmãos Davenport, como quase todos os médiuns que vieram ao mundo para provar a sobrevivência do Espírito, sofreram perseguições. Estes espíritos faziam parte da invasão organizada pela legião de espíritos incumbidos de levar ao mundo as forças do bem e orientar os homens rumo à perfeição, no dizer de Conan Doyle. E, por não seguirem o conselho evangélico do dar de graça o que de graça receberam de Deus, dádiva essa consubstanciada naqueles raros dons, os ataques recrudesceram, porque os dois jovens passaram a viver dos espetáculos que davam nos teatros, sendo acusados e caluniados pelos pres-

tidigitadores, seus concorrentes, ao lado dos incrédulos e fanáticos religiosos. Embora as experiências feitas na Universidade de Harvard – onde foram tratados com brutalidade – comprovasse a realidade dos fenômenos produzidos pelos espíritos, com os instrumentos musicais tocando enquanto estavam amarrados, os professores se recusaram a fazer o prometido relatório, porque tiveram seus ardis fracassados ao vê-los livres das amarras por uma mão materializada, e o professor que estava entre eles, para separá-los, apareceu enrolado a elas.



Depois de percorrerem os Estados Unidos, alcançando grande popularidade ao lado das críticas negativas, eles partiram para a Europa onde também fizeram sucesso com os espetáculos levados em vários países. Quando estiveram em Paris, carregando a fama de prestidigitadores, depois de atacados em cena pelos inimigos do Espiritismo, Kardec recusou-se a atestar a veracidade dos fenômenos, por não ter assistido pessoalmente as demonstrações.

Embora milhares de pessoas tenham se convencido com os fenômenos mediúnicos, os irmãos Davenport estão classificados como mágicos e prestidigitadores nas crônicas sociais. Faltou-lhes o conhecimento e o cuidado de não se deixarem iludir com as propostas de empresários gananciosos. No entanto, não deixaram de estar entre os maiores médiuns de todos os tempos.

Internet: os irmãos Davenport - diversas fontes de pesquisa.